



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

DANDARA DO SISAL EM MOVIMENTO CONTRA O RACISMO

Vitoria Carmo dos Santos
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Brasil,
Endereço eletrônico: vitoria.carmo@outlook.com

Acácia Batista Dias
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Brasil,
Endereço eletrônico: acaciabatista02@gmail.com

INTRODUÇÃO

O racismo existente no Brasil contra a sua população afrodescendente singulariza a condição desse grupo social, ao mantê-lo em situação de marginalização política, social e econômica. Esta subjugação intensifica-se combinada ao sexismo no caso das mulheres negras, devido à intersecção gênero e raça. A condição da mulher negra brasileira advém do período colonial, em que as suas ancestrais escravizadas foram expostas a muitos tipos de trabalho para além da exploração de seus corpos, ao serem abusadas e violentadas sexualmente para satisfação dos seus senhores e de outros homens. Após a escravidão, não ocorreu nenhuma reparação social aos ex-escravizados/as, perpetuando-se as desigualdades, opressões, estereótipos e preconceitos aos seus descendentes.

Os resultados desse processo são as duas principais representações brasileiras que se tem das mulheres negras: empregadas domésticas, profissão desvalorizada socialmente, na qual estas mulheres predominam; e da mulata “tipo exportação”, isto é, o corpo da mulher negra é socialmente estereotipado e objetificado sexualmente, do qual se espera vulgaridade, sensualidade e erotismo, enquanto das mulheres brancas a suavidade e o recato (CALDWELL, 2000; CARNEIRO, 2003a).

As desvantagens sociais dessas mulheres estendem-se para outros campos, como: a) a educação, cujo acesso ao ensino básico, médio e superior é menor se comparado aos índices de anos de estudo de mulheres não negras; b) o matrimônio, visto que a solidão afetiva das negras é um fenômeno presente nas suas vidas, devido à idealização da sociedade de que mulheres brancas são para casar e as negras para o sexo ilícito; c) a estética, pois o ideal de beleza no nosso país é eurocêntrico – pele branca, cabelos lisos, nariz fino, magreza e olhos claros –, apesar da intensa miscigenação. A desvalorização das características fenotípicas da mulher negra afeta também no acesso a



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

cargos e funções de empregos, principalmente nos anúncios que exigem “boa aparência”, o que significa que as características físicas da população negra não se encaixam neste requisito.

Na área da saúde reprodutiva e obstétrica, as de baixa renda são as mais coagidas a optarem pela esterilização, por não encontrarem no sistema de saúde métodos contraceptivos reversíveis. E estão mais suscetíveis a serem vítimas de violência, abuso e negligência por parte da equipe de saúde, no momento de darem à luz (CARNEIRO, 2003a, b).

Assim como as opressões e desigualdades contra as negras são históricas, a sua resistência também é. No período escravagista, as mulheres, junto com os homens, reagiram ao sistema através de fugas, revoltas, rebeliões, formações de quilombo, assassinatos de senhores, indução de abortos, suicídios, etc. Em tempos contemporâneos, a luta está organizada através dos movimentos negros e femininos. Os movimentos de mulheres negras reivindicam os direitos e combatem as desigualdades raciais e sociais que as atingem no Brasil (OLIVEIRA; MENEGHEL; BERNARDES, 2009). A exemplo do Movimento de Mulheres Negras Dandara do Sisal (MMNDS), localizado no município de Serrinha/BA que integra junto com outros 19 municípios o Território do Sisal.

No contexto da problemática do racismo existente na sociedade brasileira e dos dispositivos de resistência como os movimentos de mulheres negras, a pesquisa teve como objetivo: analisar as experiências e vivências de racismo entre mulheres negras participantes do Movimento de Mulheres Negras Dandara do Sisal.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Esta pesquisa é descritiva e qualitativa, a qual descreve, conhece e interpreta a realidade sem interferir, a partir da inter-relação pesquisador e sujeitos na produção de conhecimento. Isto é, o pesquisador participa, compreende e interpreta as informações obtidas, junto com o público destinado à pesquisa sem modificar a realidade dos sujeitos (CAMPOS, 2015).

A pesquisa foi baseada em revisão bibliográfica de livros, artigos, dissertações, monografias e teses sobre gênero, raça/etnia, movimentos sociais, feminismo negro, associativismo, dentre outros. E visitas a campo para produção de dados através de



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

entrevistas semiestruturadas com seis integrantes, além da observação participante nas ações e eventos promovidos pelo MMNDS. Por envolver seres humanos, a pesquisa foi submetida e aprovada pelo Conselho de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) em fevereiro de 2018, sob o parecer nº 2.760.162 e CAAE: 85469618.4.0000.0053. Os dados das entrevistas foram transcritos e submetidos à análise de conteúdo, em que foram realizadas leituras flutuantes do material, seleção das unidades de análise, subcategorização e categorização das unidades de acordo com o gênero do conteúdo (BARDIN, 1977).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Movimento de Mulheres Negras Dandara do Sisal (MMNDS) é uma organização feminina e negra, sem fins lucrativos, localizado no município de Serrinha/BA, e atuante no Território do Sisal. O movimento foi fundado em 2011, a partir da necessidade de intensificar as ações e discutir mais políticas públicas específicas para as mulheres negras do território frente à violência contra a mulher, racismo, machismo, sexismo e outras opressões que afetam esse segmento social. Antes do MMNDS, as fundadoras e outras integrantes participavam de núcleos e ramificações vinculados às organizações negras e mistas, como o Movimento Negro Afro-Jamaica e o Instituto Casa da Cidadania de Serrinha.

O surgimento do Dandara do Sisal é similar aos outros movimentos de mulheres negras no Brasil. Nas décadas de 1970 e 1980 intensificaram-se as organizações da sociedade civil, dentre eles os Movimentos de Mulheres Negras, que insurgiram de outros como os Movimentos Feministas (MF) e Movimentos Negros (MN). A autonomização das mobilizações das negras frente a ambas organizações ocorreu devido às divergências de experiências de gênero dentro dos MN, pois as mulheres negras eram vítimas de práticas sexistas, nas quais os homens protagonizavam os movimentos e pautas, enquanto as mulheres eram coadjuvantes e ofereciam apenas suporte. Nos MF, as negras também eram invisibilizadas nas pautas dessas organizações, que majoritariamente eram voltadas para as mulheres brancas, classe média alta e escolarizada, o que diferia da realidade das negras (CARNEIRO, 2003a, b).

A criação do MMNDS e a participação das integrantes foram também motivadas pelas experiências de racismo das mulheres. Dessas vivências destacam-se o



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

preconceito contra a estética do cabelo natural das integrantes, em que o cabelo é qualificado como ruim e duro por familiares e sociedade. O racismo velado e institucional, através de olhares e falas, nos espaços que elas frequentam, principalmente no ambiente de trabalho quando as integrantes exerceram/exercem cargos ou funções de comando e gestão, pois as suas competências são questionadas por colegas e subordinados. A violência obstétrica no momento do parto, em que a dor da militante e a condição pós-parto foram negligenciadas pela equipe de saúde. Tais destaques caracterizam a condição marginalizada da mulher negra brasileira (CARNEIRO, 2003a, b).

A fim de combater o racismo e outras opressões que atingem as mulheres do Território do Sisal, a atuação do MMNDS ocorre através de palestras, rodas de conversa, reuniões, oficinas, audiências e mobilizações públicas. Atividades envolvendo saúde e prevenções sexuais estão no escopo do exercício do movimento, como distribuição de camisinhas femininas e masculinas, mobilizações contra a AIDS e blitz de informação sobre as Infecções Sexualmente Transmissíveis. Juntam-se o suporte e encaminhamento de sujeitos vítimas de violência contra a mulher, policial e homicídios, e dos familiares das vítimas aos locais adequados, onde possam receber assistência social, psicológica e/ou jurídica. A família e escola, como instituições, também são focos do Dandara do Sisal, pois trabalha com os círculos sociais dos sujeitos que sofrem distintas violências, como doméstica, bullying, abusos sexuais, agressões físicas e psicológicas.

Integrar o movimento trouxe significativas contribuições e mudanças para as participantes, como descobrir-se mulher negra; elaborar as opressões sofridas; fortalecer a si e a outra; estar informada sobre os seus direitos e ter subsídios para enfrentar o racismo, tudo isso através das experiências compartilhadas. De acordo com Oliveira, Meneghel e Bernardes (2009), esses espaços são de solidariedade, confiança e representação para essas mulheres, pois suas trajetórias e interesses possuem pontos em comum.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Dandara do Sisal soma com outras organizações negras no combate ao racismo e outras injustiças que atingem a população negra do Território do Sisal. Diferente dos



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

outros movimentos mistos, o MMNDS foca as suas ações no racismo concomitante ao sexismo e machismo, pois a trajetória das mulheres negras difere dos homens devido ao gênero. E tal diferença foi o que impulsionou a criação do MMNDS a partir das organizações mistas, que não contemplam todas as demandas das negras.

A diversidade de ambientes em que o Dandara do Sisal desenvolve as suas ações é significativa para a luta a favor das mulheres negras, ao ocupar espaços negados institucionalmente, como universidades, escolas e órgãos públicos, bem como discutir direitos e desigualdades sociais nas localidades com difícil acesso à informação, como comunidades rurais, periféricas e quilombolas. A atuação do movimento reflete nas suas integrantes ao proporcionar subsídios para que elas combatam o racismo na vida pessoal e tenham um espaço que as acolham e fortaleçam diante das opressões.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo; Movimento de Mulheres Negras; Território do Sisal.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70 Ltda, 1977.

CALDWELL, K.L. Fronteiras da diferença: raça e mulher no Brasil. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 91-108, 2000.

CAMPOS, L.F.L. **Métodos e técnicas de pesquisa em psicologia**. Campinas: Editora Alínea, 2015.

CARNEIRO, S. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: ASHOKA EMPREENDIMENTOS

SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA (Orgs.). **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003a., p. 49-58.

_____. Mulheres em movimento. **Estud. Av.**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-133, 2003b.

OLIVEIRA, M. L. P.; MENEGHEL, S. N.; BERNARDES, J.S. Modos de subjetivação de mulheres negras: efeitos da discriminação racial. **Psicol. Soc.**, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 266-274, 2009.